

**MANUEL BANDEIRA E A ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS:
aspectos da vida e literatura do poeta relacionados ao Carmelo**

**MANUEL BANDEIRA Y LA ORDEN DE LOS CARMELITAS DESCALZOS:
aspectos de la vida y la literatura del poeta relacionados con el Carmelo**

Alana Pontara Botazini¹

INTRODUÇÃO

A descoberta de que o poeta brasileiro Manuel Bandeira foi próximo das monjas carmelitas do Convento Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e de que uma prima sua professou votos religiosos nesse mesmo convento, abriu-nos a oportunidade singular de investigar a relação literária do poeta a partir de sua vivência com as carmelitas. Esse contato teve reverberações literárias na obra do Bandeira, especialmente nas poesias. Identificamos poemas com referências explícitas ao Convento Santa Teresa e aos Santos que pertenceram a essa Ordem, como Santa Teresa de Jesus. Todavia, igualmente identificamos a presença da espiritualidade carmelitana em outros poemas, porém de forma velada. Baseando-se nesses fundamentos, apresentamos um estudo comparativo entre os poemas "O silêncio", de Manuel Bandeira, e "Chama viva de amor", de São João da Cruz, fundador do ramo masculino da Ordem dos Carmelitas Descalços. Fizemos uma análise literária dos poemas em questão, bem como introduziremos uma visão filosófica sobre a escrita, recuperando os ensinamentos de Louis Lavelle, filósofo francês.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de escrita não foge à realidade, é concomitante a ela que a palavra encontra seu espaço na poesia. Arrigucci (1987, p. 11) afirma que “não se trata absolutamente de elevar o que se capta no plano comum do dia a dia, mas de desentranhar aqui o poético, junto às circunstâncias em que o Eu se acha situado”. Bandeira age brilhantemente dessa forma ao estabelecer em sua técnica essa relação orgânica com o vivido no cotidiano, seja no dele ou o que ele viu ou escutou. E essa técnica, que fora aperfeiçoada durante treze anos, é o resultado do contínuo esforço do poeta em conversar consigo mesmo, com suas memórias e com o mundo ao seu redor; é a junção dos sedimentos dispersos que, no calor de um momento, cristaliza-se, por meio de um exercício repetido de linguagem com uma aprendizagem de expressão (Arrigucci, 1987, p. 10). Ao pensar sobre a memória e escrita, Lavelle (1942, p.168) expõe que

¹pontaraalana@outlook.com, PUC Minas, Campus Coração Eucarístico

a abertura da residência das ideias e a correspondência do ser em materializar as ideias, na palavra, só é possível ao passo em que o sujeito exercita o ato da escrita, mas, sobretudo, o do aprofundamento das relações consigo mesmo e com o todo ao seu redor. O que nos interessa, pontualmente, é entender como a memória e a ruminação das reminiscências do Manuel Bandeira se estabelece em sua literatura no que tange às referências carmelitas já identificadas por outros autores, em seus trabalhos. É sabido que ele tinha forte vínculo com uma prima monja carmelita descalça, a Irmã Maria do Carmo do Cristo Rei, do Carmelo Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Além de manter correspondências com sua prima carmelita, ele mantinha contato com a madre do Convento, a Irmã Maria José de Jesus, que hoje está em processo de beatificação pela Igreja Católica.

METODOLOGIA

Como mapeamento inicial dos poemas lidos, fizemos guias de leitura dos livros "A cinza das horas", "Carnaval", "O ritmo dissoluto", "Libertinagem" e "Estrela da manhã". Não continuamos o processo nos demais livros por julgarmos não necessários, visto que conseguimos assimilar a obra sem essa metodologia. Em menor compasso, lemos alguns textos de São João da Cruz; porém, nos debruçamos sobre aqueles que mais apareceram ecoados nos poemas de Bandeira, a saber "Chama viva de amor" e "Cântico espiritual". Além disso, outras atividades foram feitas no intuito de enriquecer mais ainda a pesquisa, como a entrevista com uma monja do Convento Santa Teresa e a leitura da Carta Circular da Irmã Maria do Carmo do Cristo Rei, prima do Manuel Bandeira que professou nesse Convento; conversas específicas sobre as obras de São João da Cruz e de Santa Teresa com frades carmelitas descalços; e visitas à Casa Rui Barbosa e à Academia Brasileira de Letras para ter contato com livros da biblioteca pessoal do Manuel Bandeira.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Ambas as experiências das poesias são místicas, ou seja, elevadas do plano natural do ser. Podemos entender ainda que o poema do Bandeira se passa no campo da memória. Esse lugar do intelecto humano é muito utilizado nas poesias desse poeta, especialmente quando se trata de sua infância. Em "O silêncio", o eu poético parece estar se lembrando de um momento íntimo com alguém, provavelmente uma mulher. O que fica registrado em sua lembrança, é a sensação do gozo na carne que foi provocado por esse "contacto das minhas mãos lentas". Seguindo essa interpretação, citamos Louis Lavelle, que na terceira parte do Capítulo I,

L'éternel dans le temporel (1942, p. 164), discorre sobre como a escrita estabelece diálogo fundamental e imprescindível com a memória: "Porque a escrita não é um simples museu do passado. Através da duração, é a eternidade que almeja: mas só eterniza o que espiritualiza. Se [a escrita] é o instrumento da memória, é porque a memória converte todos os acontecimentos e todas as ações em ideias (tradução nossa)". Podemos pensar, então, que a memória é esse espaço em que os acontecimentos ficam gravados de tal forma que, com o passar do tempo e com a disposição do ser em se aprofundar nesses momentos passados, as ideias são tecidas e formadas no sujeito. Bem, se a lembrança se eterniza na escrita, em "O silêncio", o êxtase de um momento íntimo e sexual do eu poético fica marcado na poesia. A realidade do êxtase é apresentada na poesia bandeiriana com frequência, isso demonstra seu interesse por esse evento místico. Porém, Manuel Bandeira é intrigado mais pela forma como isso se dá no campo sexual do humano, do que no espírito. A fina e importante distinção entre a realidade do êxtase para os dois poetas reside no fato de que Bandeira exalta a dimensão corpórea dessa experiência, diferentemente de SJC e de todos os outros santos que a vivenciaram, pois eles sublimam os efeitos do êxtase na alma, que vão além do que se passa nos sentidos. É por isso que em "O silêncio", o eu poético escreve "quase a espiritualizar-se", indicando que tudo o que foi sentido quis alcançar a dimensão espiritual no ser, mas não foi completada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante felizes similaridades e diferenças entre o poema de Bandeira e as obras de São João da Cruz, entendemos que nossa pesquisa é válida pelo fato de que é uma leitura profunda e delicada da obra bandeiriana. Outro determinante para a continuação da investigação diz respeito ao nulo ou escasso interesse de outros estudiosos sobre esse tema, da relação do Manuel Bandeira com a espiritualidade da Ordem dos Carmelitas Descalços.

Palavras-chave: Espiritualidade carmelitana; São João da Cruz; poesia bandeiriana; Lavelle.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa seleta**: volume 1: Homenagens poéticas, crônicas biográficas e depoimentos, fortuna crítica da poesia, poesia completa, teatro poético traduzido. São Paulo: Nova Aguilar, 2020.

CRUZ, São João da. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

LAVELLE, Louis. **La Parole et L'écriture**. Paris: L'artisan du livre, 1942.